



Apporto delle Figlie di Maria Ausiliatrice all'educazione (1872-2022)

PERCORSI, SFIDE E PROSPETTIVE

Convegno internazionale - Roma, 25-30 settembre 2022

DA PRESENÇA ÀS PRESENCAS: OS RECURSOS EDUCATIVOS DA COMUNIDADE

Sberga Adair Aparecida

Introdução

A comunidade de Mornese é o ícone da força carismática do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora que, qualificando-se como comunidade educativo-pastoral, desde suas origens assumiu a ação educativa como “lugar teológico”, no qual Deus se manifestou, chamou Madre Mazzarello e as primeiras Irmãs e a elas confiou algumas jovens de Mornese, para que fossem orientadas em seu percurso de formação e desenvolvimento integral.

Como cofundadora do Instituto, Madre Mazzarello, não por decisão pessoal, mas por um conjunto de circunstâncias providenciais e contextuais, abriu-se à ação divina e, passo a passo, colocou-se virtuosamente à disposição de Deus, deixando-se conduzir por uma forte experiência de caridade apostólica e por um ardente impulso missionário.

Essa experiência, compartilhada em comunidade, foi-se configurando em um clima de verdadeira unidade, de colaboração recíproca, de alegria contagiante, de espírito de sacrifício e de vontade determinada à prática do bem e das virtudes, de tal modo que a vida em Mornese se constituiu como protótipo de terra fecunda, na qual o carisma germinou, se fortaleceu, frutificou e se espalhou por todos os continentes. Assim, de Mornese uma janela se abre para outras culturas, alarga horizontes, conhece os clamores dos tempos e dos espaços, lança sementes em terras mais distantes e a missão educativa salesiana se enraíza em todo o mundo.

1. Da presença às presenças

“Tanto as FMA de Mornese, quanto os Salesianos em Valdocco nasceram de uma experiência comunitária muito intensa”, afirma Ir. Eliane Petri em um de seus artigos (Boletim Salesiano Digital Especial, agosto 2022). De fato, este dinamismo de vida comunitária e apostólica foi operante em Chieri, em Valdocco, em Mornese, em Nizza, tanto entre os jovens de Dom Bosco como entre as jovens das primeiras comunidades das Filhas



Pontificia Facoltà di Scienze
dell'Educazione «AUXILIUM»
via Cremolino, 141 - 00166 ROMA

de Maria Auxiliadora.

O clima da fundação do Instituto, que surge da primeira comunidade, é marcado por um dinamismo de caridade e por um ardente zelo missionário, que reúnem mulheres pobres, humildes, frágeis e de pouca cultura erudita, graças à animação materna, educadora e de governo de Madre Mazzarello, que sabiamente promoveu em Mornese um estilo de comunhão que envolvia toda a comunidade a participar do projeto educativo em atitude de abertura e de recíproca corresponsabilidade.

O estilo de comunhão e participação, favorecida pela arte formativa e personalizada de Madre Mazzarello, possibilitou na comunidade das origens a vivência do *espírito de família*, que promoveu relacionamentos revestidos de singela franqueza, de transparente sinceridade, de mútua confiança, de relações positivas, que permitiam valorizar tanto os recursos pessoais quanto as estruturas que favoreciam a comunicação e as decisões “*insieme*”. Madre Chiara, em uma de suas conferências recorda:

Na comunidade das origens, Maria Domingas cria um clima em que o espírito de família se entrelaça com a generosidade cotidiana em enfrentar os sacrifícios de toda espécie, a ponto de resumir no “*vado io*” a disponibilidade máxima de cada uma. Com as jovens Irmãs e educandas da comunidade de Mornese, vive uma maternidade educativa atenta à vida e ao crescimento de cada uma. Consciente de que sem a confiança é impossível educar e formar, Maria Domingas aproxima-se das pessoas sem criar submissão ou desconfiança. É uma atitude que manifesta a todas indistintamente, mas sobretudo às jovens postulantes que, chegando ao Colégio, enfrentavam a difícil mudança de vida. Para todas é um modelo de empreendimento e criatividade no bem. Alimenta o fogo da paixão apostólica em si mesma e nas Irmãs. (CAZZUOLA, 2022).

Este espírito de família confirma que a *Casa de Mornese* é “*casa do amor de Deus* porque nela mora o amor que, enraizado em Deus, faz crescer as pessoas e as dispõe a realizar com generosidade a própria missão.” (KO – RUFFINATTO, 2014, p. 186). Graças sobretudo à Madre Mazzarello e ao seu estilo de autoridade, concebido como serviço e fraternidade, solidariedade aos mais pobres, proximidade e supressão de formalismos, testemunho de alegria contagiante, é que ela “*atraía as meninas como o ímã atrai o ferro*”.

A comunidade de Mornese, mesmo enfrentando a pobreza, as limitações e as fragilidades humanas, experienciava um ambiente rico de relações significativas, de valorização recíproca, consciente de que a educação e a formação acontecem em comunidade, por meio de um amor revestido de paciência, docilidade, empatia, altruísmo, solidariedade e corresponsabilidade.

Madre Mazzarello cria a comunidade baseada nos valores que caracterizam o Sistema Preventivo, que tem a “*gênese no conhecimento da pessoa, no diálogo familiar, rico de valores e num coração quente de humanidade e de paixão educativa, continuamente alimentado pela eucaristia, pela familiaridade com Jesus e pela presença*”

de Maria”. (KO - RUFFINATTO, 2014, p. 189).

Assim “no Instituto, desde as origens, Madre Mazzarello é reconhecida como a ‘Mãe’ e é lembrada pelas FMA e pelos próprios Salesianos como ‘guia formadora’” (CAZZUOLA, 2022), por ser dotada de uma sabedoria prática e de uma maternidade espiritual, motivando todas a serem boas, generosas, caridosas, a estarem sempre alegres e a buscarem constantemente a santidade. Ela não educava só com palavras, mas seu exemplo era o que arrastava muitas para a prática do bem e Ir. Anita Deleidi lembra que em seu processo de beatificação e canonização foi reafirmado que:

Com zelo, ela preparou, formou e cultivou o primeiro principal germe do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Compreendeu imediatamente e com perfeição o espírito do fundador e o transfundiu nas Irmãs. Cumpriu heroicamente as regras e os ensinamentos de Dom Bosco, e agiu com tamanho zelo e atividade, a ponto de se oferecer a Deus como vítima pelo Instituto. (DELEIDI – KO, 1995, p. 68).

Portanto, Madre Mazzarello fez convergir na comunidade de Mornese uma profunda harmonia de projetos para a salvação da juventude, unindo o carisma do fundador ao seu carisma e inicia uma tradição pedagógica, em muitos aspectos semelhante à de Dom Bosco, mas com as características próprias da condição feminina.

Madre Mazzarello fortaleceu o espírito comunitário sendo mestra de acompanhamento, pois possuía um coração muito sensível, afável, paciente, acolhedor, cuidadoso, sabendo intuir e prevenir necessidades, silêncios, sofrimentos e fazer o sol brilhar em dias sombrios. Ela “queria que a pessoa estivesse disposta a se reestruturar, a se transformar interiormente, combatendo os próprios defeitos. Não pretendia a perfeição, mas a sinceridade, e uma vontade decidida de melhorar, sem deixar de levar em conta a fragilidade humana.” (DELEIDI – KO, 1995, p. 64).

A partir dessa experiência da comunidade de Mornese, onde se originou a Congregação, e depois em Nizza, onde se consolida o desenvolvimento da dimensão missionária, Madre Mazzarello e as primeiras Irmãs abrem novas janelas de oportunidades, promovendo diversas presenças no mundo, onde o carisma corajosamente se difunde até alcançar outros contextos, culturas e continentes.

Se Mornese deu à nossa humilde cofundadora a existência e lhe ofereceu o ambiente para descobrir sua vocação e realizar as primeiras experiências apostólicas, Nizza abriu-lhe completamente o horizonte à plenitude da vida.

Mornese é o início, Nizza é a difusão; Mornese é a fonte, Nizza é o rio que flui benéfico até alcançar os confins do mundo. Os anos em Mornese assinalam o desabrochar do carisma do nosso Instituto, os de Nizza coincidem com a consolidação e o progressivo desenvolvimento em dimensão missionária. Nas duas etapas, as dificuldades e os desafios, que são inerentes a todo crescimento, não faltaram. (KO - RUFFINATTO, 2014, p. 121).

Portanto, “Mornese em saída” é o DNA do Instituto que, com apenas cinco anos de fundação, em 1877, as Filhas de Maria Auxiliadora já chegaram à América; em 1891, já estavam na Ásia; em 1893, antes da virada do século, já chegaram à África (1893) e, em 1954, à Oceania, com um gigantesco florescimento de vocações e atração de jovens nas casas e obras recém instituídas. Essa abertura à dimensão planetária foi sendo o meio eficaz para o Instituto superar nacionalismos, preconceitos e descobrir a riqueza da diversidade sociocultural de cada nação, o que lhe possibilitou constituir-se como Instituto Internacional, que se unifica pela sua identidade carismática e se frutifica pela sua missão educativo-pastoral, realizada com o protagonismo das comunidades.

Desse modo a dimensão comunitária, fundamentada na vivência dos valores evangélicos, impulsiona a vida em Mornese a tornar-se espaço para a formação e autoformação de seus membros e é um dos recursos educativos que mais favorece o binômio “evangelizar educando e educar evangelizando”, próprio do carisma salesiano, que tem por missão “formar o bom cristão e honesto cidadão”.

A partir dessas características da vida de Mornese, pode-se constatar que esse estilo de vivência em comunidade é um dos recursos mais eficazes para a formação das pessoas que a compõem.

2. Dimensão comunitária na formação da pessoa

A comunidade é fundamental para a formação humana e tem recursos essenciais e imprescindíveis para uma educação integral. Para sedimentar essa reflexão, recorre-se, neste texto, às concepções da filósofa e educadora Edith Stein que, por sua visão ampla da natureza humana, descreveu de forma sólida e com princípios perenes os meios e recursos mais apropriados para a formação e a integração pessoal e social.

Na concepção steiniana, ninguém se forma sem a mediação do outro. A pessoa, por sua natureza intrínseca, é um *ser social* e, devido a sua estrutura humana, não pode viver sem estar em relação com as outras pessoas. Portanto, conviver é imprescindível para a formação humana e cada indivíduo só pode se humanizar, em uma porção da humanidade, beneficiando-se de matrizes culturais que a sua comunidade de origem lhe concede.

São várias formas de organização social, tais como a massa, a sociedade, a comunidade e o estado. Para Stein a comunidade é a forma de convivência humana ideal, porque todas as pessoas são envolvidas e se sentem pertencentes ao grupo, mas isso não significa que seja qualquer tipo de comunidade. O ideal é que a comunidade tenha uma alta *performance*, que se origina, substancialmente, quando a união entre as pessoas se dá pela vida comunitária da alma, ou seja, “pela união de pessoas totalmente livres, ligadas entre si pela vida ‘pessoal mais íntima’ ou pela vida da alma, sendo que cada uma delas se sente responsável por si e pela comunidade”. (STEIN, 1922/1999b, p. 293-294). Também SBERGA (2014, p. 295) explica que “ao mesmo tempo, o caráter da comunidade pode

deformar o caráter do indivíduo e vice-versa, por isso Stein apresenta os *valores* como os que dão estímulo de elevação para a vida individual e comunitária”. Por isso, a vida da comunidade da alma deve estar centrada nos valores, que se tornam meios para a transformação tanto dos indivíduos quanto da comunidade.

A vida comunitária da alma não é guiada por atitudes psíquicas, mas por aquelas que se referem ao espírito, que solicita a reflexão, as críticas em favor da construção de um projeto em vista do bem comum. A formação desse tipo de comunidade não é algo espontâneo e, por isso, solicita uma ação conjunta, assim como numa família não bastam os vínculos sanguíneos para que se tenha uma vivência comunitária. Isso significa que os sujeitos que se unem para viver a vida comunitária não estão direcionados um ao outro como uma agregação de pessoas ou um aglomerado de seres estranhos com relações desiguais, mas se unem com o objetivo de favorecer o pleno crescimento e desenvolvimento de seus membros e das condições que colaboram para isso.

Se um indivíduo não encontra, na comunidade à qual pertence, o terreno apto para desenvolver os próprios dons, que poderiam naturalmente ser úteis a toda a comunidade, isso é devido a uma imperfeição factual de tal comunidade, que resulta incapaz de utilizar todas as forças nela presentes; todavia não se trata de um defeito que se insere nela por princípio enquanto comunidade. [...] não está ainda desenvolvida o suficiente, isto é, a comunidade não alcançou ainda o resultado que poderia alcançar. (STEIN, 1922/1999b, p. 301).

Na comunidade, as relações são autênticas e profundas. A união entre os membros emerge das disposições positivas, porque são uniões ancoradas no núcleo das pessoas e, por isso, são disposições que partem da alma e são direcionadas para a alma do outro indivíduo, ou seja, para a sua mais genuína interioridade. Nesse sentido é que Stein diz que o objetivo da vida comunitária é “substancialmente uma vida comunitária da alma” (STEIN, 1922/1999b, p. 287) e isso acontece porque as pessoas vivem unidas, e a união acontece porque as pessoas vivem a partir do seu núcleo pessoal, que é onde reside a sua originalidade pessoal, a sua liberdade, motivação, responsabilidade etc.

O que todos aspiram é uma *vida de comunhão e de unidade*. Então, a comunidade tem alma, porque está ancorada na alma de cada pessoa; e tem espírito, porque as pessoas são livres para agirem e se posicionarem. Ter alma significa que ela tem em si um centro, um ponto focal de onde partem suas decisões; e ter espírito significa que ela se configura como uma personalidade, que se constitui a partir da liberdade e do ser consciente de seus membros. A novidade dessa união está no fato de que a convivência é verdadeiramente comunitária, ou seja, um membro concebe o outro como sujeito e não se relaciona com ele do mesmo modo como se relaciona com um ser subserviente e dominado. Ninguém precisa renunciar à própria personalidade, porque na comunidade as pessoas são totalmente livres, ligadas umas às outras pela vida da alma e cada sujeito considera o outro como um ser igual a si mesmo, sentindo-se responsável por ele e pela inteira vida da comunidade.

Quando *um é aberto ao outro*, não há repressão, exclusão ou exploração, pelo contrário, há a partilha mútua de fontes de forças vitais e motivacionais e nesse contexto reina a liberdade, a solidariedade e se forma a *unidade vital*, que é a essência da vida comunitária.

Então, a abertura ao outro, àquilo que se faz necessário, é uma forte característica da comunidade, a qual se manifesta na busca recíproca do bem comum, na verdade e na cordialidade, na moral e na ética, no respeito e na generosidade, colocando sua força vital a serviço de seus membros. Além do que, esses sentimentos e ações favorecem a formação pessoal e o desenvolvimento da vida em comunidade, sendo que há corresponsabilidade entre os indivíduos e um ajuda o outro a se conhecer melhor, se aperfeiçoar, num clima de tolerância e perdão.

É por isso que, na vida de comunidade, a abertura para o mundo objetivo, o mundo dos valores é muito importante e, neste sentido, cada indivíduo é considerado por Stein como um *órgão* da comunidade, porque pode *ativar a riqueza da própria vida interior*, externando-a para o bem dos demais. Também declara que “quanto mais a vida da comunidade penetra os extratos profundos da personalidade, tanto mais profundamente também o indivíduo é permeado pelo *caráter da comunidade* e tanto mais é correto falar em ‘caráter’ da comunidade”. (STEIN, 1922/1999b, p. 287).

Devido a essas características, constata-se que a comunidade se forma por intermédio do caráter dos indivíduos singulares; mas a comunidade também forja o caráter do indivíduo, mudando-o para melhor quando necessário.

O amor que provo pelo meu povo inicialmente produz a sua ação em mim, aumentando as minhas forças e impulsionando-me a dedicar-me mais ao seu serviço e a viver mais intensamente como seu membro. Tal amor pode arrastar também os outros [...] o amor pode agir porque eu e os outros nos sentimos amados ‘em nome da comunidade’ e nos sentimos reforçados por isso. (STEIN, 1922/1999b, p. 234).

Nesse contexto, todos são responsáveis pela formação da alma da comunidade e segundo o pensamento steiniano, cada um tem suas responsabilidades, por exemplo, o líder de uma nação é aquele que está a serviço do povo, que ouve suas opiniões, procura conhecer seus desejos, interesses e necessidades e faz desses anseios populares o meio para alcançar os objetivos da inteira coletividade.

2.1. Educar as pessoas para se tornarem membros da comunidade

“Sem a comunidade, sem a vida social e, portanto, sem a educação dos indivíduos para se *tornarem membros da comunidade*, não se alcança o fim último do ser humano” (STEIN, 1926- 1938/1999a, p. 50). “Cada pessoa só consegue desenvolver sua própria humanidade por meio da mediação de seus semelhantes [...] é essa não autossuficiência essencial do ser humano que o constitui como um ser naturalmente sociável” (DE RUS, 2017,

p. 125). Essa não autossuficiência, que faz com que *a pessoa necessite de seu semelhante*, pode ser averiguada perante situações de vida das mais variadas naturezas.

No entanto, o processo formativo mediado pela vida em comunidade não forma a pessoa de uma só vez, ou de uma vez por todas. É um processo gradual e contínuo, realizado com acompanhamento, para que as pessoas descubram na dimensão comunitária o seu ponto focal, sacrificando-se pelo serviço incansável, fraterno e generoso em benefício do próximo. Com esse abandono de si é que se chega à interioridade mais genuína e se descobre a felicidade na prática do amor.

Na mesma proporção, o contrário também é retratado em vários contextos sociais. Pessoas extremamente egoístas, consumistas e individualistas, escravizadas pelo desejo de possuir e pela busca de mordomias facilitadas, não vivem pelo bem da comunidade, ao invés disso, buscando por interesses e conforto pessoal, chegam a se corromper e se apossam ilicitamente do que é coletivo, usurpando direitos de outros e violando de forma fraudulenta o que não lhe é devido. Isso demonstra que sem o espírito de sacrifício, o esforço pessoal, a disciplina, a ética e a moral, ou seja, sem a vivência do nível do espírito, que é o nível da razão, da vontade e da faculdade intelectual, não é possível a vida em comunidade e, na maioria das ocasiões, nem a pessoa se desenvolve segundo a estrutura humana que lhe é subjacente.

Stein afirma que "quem conseguir se livrar de todo o apego aos bens temporais, alcançará a liberdade de espírito, a clareza da razão, a calma, a tranquilidade... aumentará a alegria – que o avaro jamais sentirá – pois, quem é livre aprecia os bens em seu verdadeiro valor" (STEIN, 2011, p. 83). Essas reflexões demonstram que a pessoa precisa estar inserida no mundo para conhecer melhor suas inclinações e, participando da vida social, tem que fazer suas escolhas de forma sempre mais consciente para ir aperfeiçoando a si mesma.

Para que os sentimentos positivos se solidifiquem, a comunidade precisa de aliados que, além de comungarem de suas intenções, também direcionem o maior número possível de pessoas para se tornarem adeptos de seus princípios e valores, pois quanto mais gente se colocar à sua disposição, mais consistente e confiável a comunidade se apresentará também externamente. E quanto mais altos são seus valores, mais eles colaboram para a formação apropriada de seus indivíduos. Desde as crianças, como afirma Stein, "o meio circunstancial pode ter um efeito preventivo, já que a alma da criança é tenra e maleável, aquilo que nela entra pode facilmente estabelecer formas para a vida toda". (STEIN, 2014, p. 119). De outro modo, mas na mesma direção, também as condições externas, os valores culturais e as mentalidades de outros povos podem influenciar na formação ética e moral de uma comunidade, enriquecendo a vida de todo o seu povo.

Esse pertencimento à vida social e cultural comporta, para Stein, uma tomada de consciência da parte de cada indivíduo particular. Em primeiro lugar, a vida comunitária se torna bela e prazerosa se é permeada de valores; em segundo, cada membro é beneficiado pelos valores da comunidade; e, em terceiro, cada membro é responsável pela construção

desses valores. Diante disso, compreende-se que a comunidade não é guiada por uma conduta que provém da esfera psíquica, mas da espiritual, constituindo-lhe a sua personalidade de ordem superior.

Essa personalidade de ordem superior se torna a matriz impulsionadora, de ordem espiritual, que possibilita a vivência comunitária da comunhão, numa dinâmica reflexiva constante em busca do bem comum. Com base nessa matriz, Stein afirma que a preciosidade da vida de comunidade se fundamenta na vivência dos valores, assim expressa que “a comunidade é preciosa; tanto mais preciosa, quanto mais altos são seus valores e quanto mais forte é o empenho por eles [...] Se a vida do homem e aquela da comunidade estão plenas de valores, então ela tem valor”. (STEIN, 1932-1933/2000, p. 210).

Frente a isso, é possível constatar que a pessoa que tem consciência do próprio modo de ser, assume com maior maturidade suas funções na comunidade, tanto para desempenhar uma atividade em prol da comunidade, quanto para alimentar a comunidade com valores do seu próprio caráter. A consciência faz compreender que cada indivíduo recebe os valores do seu povo, mas, ao mesmo tempo, é responsável por manifestar esses valores. Então, “com a consciência de pertencer a um povo, inicia a responsabilidade e a necessidade da avaliação pessoal” (STEIN, 1932-1933/2000, p. 210). É a consciência de ser membro de uma comunidade de povo que suscita nos indivíduos a atitude de autoavaliação de sua própria conduta em relação à totalidade/humanidade, já que a estruturação da comunidade depende do livre-arbítrio e da índole dos indivíduos, que nem sempre correspondem àquilo que se espera deles.

Explica Stein: “a comunidade é substancialmente *fundada* nos indivíduos e o seu caráter pode mudar se muda o caráter dos indivíduos que dela fazem parte, se entram novos indivíduos para fazer parte ou se são extinguidos os indivíduos idosos”. (STEIN, 1922/1999b, p. 256). São esses valores preservados e testemunhados que outorgam a significatividade da vida social. Como afirma Stein, “se a vida do homem e aquela da comunidade são plenas de valor, então elas têm sentido” (STEIN, 1932-1933/2000, p. 210), já que os valores são eternos, não nascem nem morrem, e quando vividos em profundidade, tornam-se expressão da vida pessoal e comunitária.

2.2. Inserir-se na comunidade e desabrochar a singularidade pessoal

“Para que se realize a finalidade comunitária [como recurso educativo], é preciso de um constante desenvolvimento em duas direções: alargar o horizonte que nos circunda e escavar a interioridade” (ALES BELLO, 2017, p. 57). Assim, no processo formativo, Ales Bello, com base em Stein, faz compreender que é necessária uma íntima interação entre a intersubjetividade e a interioridade pessoal. É fundamental estar inserido em uma comunidade, para enriquecer-se da sua personalidade comunitária espiritual e, ao mesmo tempo, é preciso fazer aflorar a nota própria, identificada com a singularidade pessoal, que é o núcleo da personalidade.

As pessoas se beneficiam do caráter da comunidade, para desabrochar a sua singularidade e, ao mesmo tempo, enriquecem e formam a personalidade da comunidade, a partir do seu núcleo interior. Contudo, em última instância, são as pessoas que configuram a comunidade, conferindo-lhe um caráter. Além do mais, a comunidade precisa ter a consciência de que “cada pessoa tem sua própria autonomia em relação à comunidade (que é seu ponto de referência), cada um tem sua identidade pessoal que não se funde” (ALES BELLO, 2017, p. 57).

Portanto, a comunidade se torna um terreno propício para que os indivíduos desenvolvam seus próprios dons, que, em princípio, podem ser úteis para toda a comunidade. Isso é o que promove a convivência real e que possibilita à comunidade um maior aprimoramento. Compreende-se, a partir disso, que cada pessoa deve levar em consideração o ambiente social e cultural que contribuiu para sua formação, assim como se responsabilizar pela formação do núcleo da comunidade.

Mas o coletivo jamais pode suplantiar as singularidades de seus membros, porque é do conjunto das individualidades que nasce a originalidade típica de cada comunidade ou povo. Contudo, a formação da pessoa é mais completa não só quando se direciona em vista do seu perfil individual, mas quando também se volta para a educação social.

A base prática da educação social consiste, segundo Stein, na “recondução das comunidades ao sentido originário delas mesmas, por meio de uma oportuna ação voltada a plasmar os membros da comunidade”. (STEIN, 1926-1938/1999a, pp. 65-66). O que isso quer dizer é que na essência da vida comunitária as relações devem ser de comunhão.

A base para a comunhão é o amor, manifestado por meio do serviço, da solidariedade, da confiança, do despojamento, da renúncia e do sacrifício pelo bem de todos. Esses são os valores que formam o núcleo da comunidade, dos quais emergem seu caráter e garantem sua existência. Quanto mais pessoas praticarem esses valores na vida comunitária, mais essa terá consistência e reputação nacional e internacional.

Além do mais, Stein coloca que é importante que cada povo valorize as contribuições estrangeiras que se incorporaram às próprias culturas, porque essas contribuem com a história do seu patrimônio cultural e espiritual em vista da evolução do povo. Desse modo, alerta Stein, uma formação completa não pode limitar-se ao patrimônio do seu país, mas deve estar aberta àqueles dos países estrangeiros e aberta também às personalidades estrangeiras que testemunham valores humanos e espirituais.

Resumindo, pode-se afirmar que a dimensão comunitária colabora efetivamente na formação da pessoa e quanto mais rica de valores for essa comunidade, mais ela impulsiona seus membros a desenvolverem seus recursos e potencialidades. Por isso, não é indiferente cultivar ou não relações intersubjetivas, participar ou não de propostas e iniciativas sociais e planetárias, pois só faz história de crescimento pessoal quem interage, participa e vive em comunidade.

3. Os Recursos educativos da comunidade

A comunidade é um rico espaço de recursos educativos, seja pelos processos pedagógicos e didáticos que promove em seus currículos e planejamentos, seja, sobremaneira, pela junção de seres humanos, que na convivência do dia a dia testemunham um modo de ser, estar e fazer que contagia e/ou impulsiona outros a novas reflexões e discernimentos sobre o próprio modo de agir e viver. Isso porque cada membro da comunidade carrega em si uma personalidade própria, formada por um núcleo identitário original, único e irrepetível, que se expressa como força vital, disposições naturais, qualidades típicas, potencialidades genuínas, dotes intelectuais e artísticos, estados de ânimo (alegria, entusiasmo) e outras fontes maravilhosas de recursos vitais, que estão presentes em cada pessoa. Stein afirma que “a análise da personalidade individual mostra que é próprio da essência da pessoa o fato de não ser uma simples soma de qualidades típicas, mas de possuir um núcleo individual que dá àquele determinado traço típico do caráter uma marca individual” (STEIN, 1922/1999b, p. 279). Essa marca individual é um modo exemplar ou não de ser, que na convivência grupal se torna recurso para uma análise comparada em vista da formação dos membros da comunidade.

No entanto, essas características identitárias surgem na pessoa como potências e não estão plenamente desenvolvidas e/ou desabrochadas, por isso precisam ser acionadas pelas condições externas e pelos agentes educativos para que se despertem e se atualizem, colaborando para que a pessoa se tornar aquilo que nasceu para ser, conforme descrito em sua base ontológica, ou seja, em sua própria natureza.

Assim, a comunidade é duplamente necessária como fonte de recursos educativos, pois além de congregar pessoas dotadas de capacidades e talentos, muitas vezes ainda latentes, constituindo-se como comunidade de vida, a comunidade elabora programas e itinerários formativos para ajudar a desabrochar, gradualmente, as habilidades, competências e qualidades de cada ser, constituindo-se como comunidade educativa. Todavia, devido às originalidades típicas de cada pessoa, afirma Stein, elas não podem ser educadas a um fim idêntico para todas, segundo um esquema geral, mas é preciso dar espaço à especificidade de cada ser para identificar sua orientação interior até o fim e corresponder a ela. (Cf. STEIN, 1932-1933/2000, p. 52).

Cientes de que a comunidade é um grande recurso para a formação da pessoa e que a pessoa bem formada e preparada assume com mais propriedade sua ação cidadã no mundo é que as próprias FMA se constituem como pessoas e comunidades aprendentes, sempre em desenvolvimento e, inseridas na contemporaneidade, empenham-se em promover a educação para o desenvolvimento integral das crianças, adolescentes e jovens nos diversos contextos, culturas e países em que atuam.

3.1. Escolhas prioritárias do XXIV Capítulo Geral

Em tempo de crise sanitária, provocada pela pandemia da Covid – 19, tornou-se ainda mais evidente as chocantes realidades de desigualdade social, de precariedade na saúde pública, de devastação ambiental, de vazio existencial, de perda da alegria, de esmorecimento da esperança, de deficiência na qualidade educacional, enfim de situações que instauram uma cultura de morte em grande parte das realidades mundiais.

Frente a essas situações trágicas, que causam nas pessoas sentimento de vulnerabilidade em relação ao presente e de incerteza em relação ao futuro, o Instituto das FMA concebe a urgência, como comunidades educativas salesianas e em parceria com outras instituições e mecanismos sociais, de promover ações capazes de contribuir na reversão do curso da história da humanidade e para salvar o planeta que está em risco.

Assim, as capitulares interpeladas por esses desafios, no XXIV Capítulo Geral (Cf. Atos Capítulo Geral, 2022, p. 36-40), propuseram-se a refletir e discernir possibilidades para colaborar na construção de um novo rumo para a humanidade e elegeram três ações prioritárias, com foco na profecia da presença, para uma atuação promissora, nos próximos anos, nos 97 países em que atuam, que são:

- Reavivar e testemunhar a beleza da vocação salesiana, colocando-se em estado de formação permanente, para um renovado impulso vocacional. Pretende-se, com isso, ser uma presença qualificada para promover razões de vida e de esperança junto aos jovens e suas famílias.
- Assumir a sinodalidade missionária pessoal e comunitariamente, como estilo de vida, favorecendo novas modalidades de participação, animação e governo. Busca-se, com isso, favorecer a cultura do diálogo, da inclusão, da reciprocidade, da cooperação, da democracia e do empoderamento social da mulher.
- Escutar o grito dos jovens, dos pobres e da terra, para fazer escolhas evangélicas corajosas, como comunidade educativa em rede, na ótica da ecologia integral. Propõe se, com isso, colaborar na transformação social, construindo um mundo sustentável, equitativo e pacífico em que todos os seres humanos possam viver com dignidade, tendo seus direitos garantidos e exercendo seus deveres como cidadãos ativos e responsáveis.

Essas ações se tornam apelo a repensar, como comunidade educativa, a missão, as estruturas, as atividades, as estratégias e os lugares a serem privilegiados para investir as maiores forças e recursos humanos e financeiros em vista da construção de processos e currículos evangelizadores, que primam pela construção do bem comum, da cidadania ativa, dos direitos humanos, da democracia, da fraternidade universal, da equidade social, da paz e da melhoria de condição de vida das meninas e mulheres.

A convicção é de que esta nova realidade e este novo humanismo serão possíveis

por meio do fortalecimento da profecia da presença, da comunidade que planeja, realiza e decide em rede, seja no âmbito da Família Salesiana, assim como na parceria em ações junto à Igreja Católica, no engajamento em políticas públicas, em movimentos que visam aos direitos humanos, em programas com instituições nacionais e internacionais de educação católica, em projetos intercongregacionais, em movimentos de universidades e escolas, enfim, na construção de alianças que viabilizam pautas comuns, com vistas à construção de um novo humanismo solidário.

Como Família Salesiana, já temos experiências enriquecedoras de trabalho em rede, em nível interno, como o trabalho das Conferências Inspetoriais que buscam melhorias e inovações na ressignificação da missão educativa nos diversos continentes; como experiências educativas temos, por exemplo, a experiência da Escola Salesiana América (ESA) que há pouco construiu um Planejamento Estratégico e vem traçando projetos de formação para gestores e educadores para toda a América; no Brasil temos a Rede Salesiana Brasil, surgida de uma provocação do Encontro ESA 2001 e que é uma instituição de caráter civil e jurídico, instituída entre as Irmãs e os Salesianos, que promove ações na área da educação básica, da ação social, da pastoral juvenil, da comunicação, do ensino superior. Para isso tem um escritório que organiza e promove ações em diversos níveis e, ainda, fundou uma Editora que produz livros para 105 escolas e é fonte de sustentabilidade para a missão educativa.

Mas também como Instituto existem outras ações em rede nacional e internacional que precisam fortalecer e primar, cada vez mais, pela qualidade na participação e atuação, que são: a ONU, a UNESCO, a OIEC, a CIEC, as conferências episcopais, os organismos eclesiais, as associações nacionais de educação católica e as entidades civis e governamentais educacionais. Também é imprescindível ressaltar o modelo de cooperação para o desenvolvimento que o Instituto assumiu há alguns anos, que é um modo efetivo de presença na promoção da dignidade da pessoa, no desenvolvimento humano integral, na promoção dos recursos do território, capacitando pessoas para que possam enfrentar o modelo neoliberal monopolista, excludente, desigual, racista e opressor, que serve a economia capitalista e não ao bem estar social.

Essas alianças, em favor do bem comum, devem ser privilegiadas no Instituto, pois seus alcances são inimagináveis e, juntos, em rede, é possível transformar a realidade e construir um mundo melhor e mais feliz para os jovens e todos os seres humanos.

3.2. Reimaginar e cocriar em comunidade, o futuro da educação

Na convicção de que a educação é a chave para a formação integral dos seres humanos, o caminho para enfrentar as desigualdades sociais e o meio eficaz para promover a transformação do mundo é que as Capitulares do XXIV CG reafirmaram a importância do Sistema Preventivo como método educacional, o qual continua atual por sua força humanizante, sua espiritualidade, seu estilo projetual, seu fomento ao

protagonismo juvenil, ao acompanhamento dos jovens em seus projetos de vida e das famílias em suas diversas situações.

As Capitulares ainda destacaram o compromisso de assumir o instigante convite do Papa Francisco em favor do Pacto Educativo Global, que é um projeto que ultrapassa nações, igrejas, religiões, culturas e governos, pois centra-se no compromisso com a educação como “bem comum” e como “direito universal”. O Pacto é um chamado para dialogar sobre o modo em que o mundo está se construindo, sobre o futuro do planeta e sobre as necessidades de investir os melhores talentos e as melhores energias de cada pessoa para se tornarem “protagonistas desta aliança, assumindo o compromisso pessoal e comunitário de cultivar, juntos, o sonho de um humanismo solidário, que corresponda às expectativas do ser humano e ao desígnio de Deus”.

As salesianas têm milhares de centros educacionais e de obras sociais, que são convidados a responder ao convite do Papa Francisco abraçando esta aliança. E qual é a contribuição específica que o Instituto pode dar em favor deste Pacto? Uma boa notícia é que a missão salesiana está em consonância com os sete compromissos do Pacto Educativo Global. Nesse sentido, o Instituto se empenha em promover a formação integral dos jovens, assim, necessariamente, coloca no centro do processo educacional a pessoa do educando, cuja voz e participação ativa se fomentam; é objetivo primordial do Instituto promover a menina e a mulher, emponderando-as; acompanhar as famílias e responsabilizá-las como primeira comunidade formadora; acolher sobretudo os mais vulneráveis e marginalizados, favorecendo os processos de inclusão e de equidade social; renovar a economia e a política, estudando novas formas de desenvolvimento e progresso a serviço da família humana, na perspectiva de uma ecologia integral; e cuidar da casa comum, protegendo seus recursos, adotando estilos de vida mais sóbrios e apostando nas energias renováveis e respeitadas do meio ambiente. Atitudes e ações que o Instituto incentiva, levando a sério a sua vocação de educar para a transformação social, por meio da promoção ao direito universal à educação de qualidade integral, em todos os ambientes salesianos e, ainda, fomenta, sempre que possível, essas mesmas ações nas instituições de educação pública, especialmente nas periferias dos grandes centros e nos lugares mais abandonados e empobrecidos.

Outra fonte de inspiração para o Instituto das FMA é o último Relatório da Unesco “Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação”, elaborado por uma comissão internacional, sob a liderança da presidente da Etiópia, Sahle-Work Zewde, o qual contou com consultas de mais de um milhão de pessoas.

O Relatório enfatiza que o mundo está em uma encruzilhada, pois elevados padrões de vida coexistem com enormes desigualdades sociais; as estruturas básicas da sociedade civil e da democracia estão se desgastando em muitos lugares do mundo; as inovações não são direcionadas de forma adequada à equidade, à inclusão e à participação democrática; a educação ainda não está cumprindo sua promessa de ajudar a construir futuros pacíficos, justos e sustentáveis. (cf. UNESCO, 2022, p. xi). O Relatório enfatiza que “um contrato social

é mais do que uma negociação, pois reflete normas, compromissos e princípios que apresentam um caráter legislativo formal e que estão culturalmente incorporados” (*Idem*, p. xii). Por isso, é preciso repensar e cocriar, juntos, uma visão refinada sobre os princípios e propósitos da educação, para que ela ajude a enfrentar os desafios comuns que ameaçam a humanidade. E os desafios são enormes, pois “a exclusão de oportunidades educacionais permanece acentuada” (UNESCO, 2022, p. 19), como descrito abaixo:

Atualmente um em cada quatro jovens em países de renda baixa não é alfabetizado [...] as taxas de alfabetização de adultos são inferiores a 75% em países de renda média-baixa e pouco mais de 55% em países de renda baixa [...] nos países de renda baixa mais de duas em cada cinco mulheres não são alfabetizadas. Uma em cada cinco crianças em países de baixa renda e uma em cada dez em todo o mundo, ou seja, cerca de 250 milhões de crianças, ainda estão fora da escola primária na atualidade. [...] A situação é mais dramática em nível secundário [...] três em cada cinco adolescentes e jovens em países de renda baixa estão atualmente fora da educação secundária. As disparidades são claramente evidentes. Embora a matrícula no primeiro nível da educação secundária seja quase universal (98%) em países de renda alta, mais de um terço dos adolescentes (40% meninas e 34% dos meninos) não estão matriculados nesse nível educacional em países de renda baixa. As disparidades na participação no segundo nível da educação secundária são ainda mais pronunciadas, com menos de 35% das meninas e 45% dos meninos matriculados em países de renda baixa, em comparação com mais de 90% de meninos e meninas em países de renda alta. [...] Em todo o mundo, mais de um em cada quatro estudantes do primeiro nível da educação secundária e mais de um em cada dois estudantes do segundo nível da educação secundária não completam o ciclo de estudos. Cerca de 60% dos estudantes do segundo nível da educação secundária em países de renda média-baixa e quase 90% em países de renda baixa abandonam a escola antes de completar o ciclo secundário. Uma perda tão dramática do potencial e do talento dos jovens é inaceitável.” (UNESCO, 2022, p. 19-20).

Outro desafio para os educadores e as instituições educacionais advém à medida que “a inteligência artificial (IA), a automação e as transformações estruturais alteram os cenários de emprego em todo o mundo” (UNESCO, 2002, p. xiii). Mesmo concebendo que as tecnologias digitais têm redefinido a forma como os seres humanos interagem, vivem e aprendem, trazendo um enorme potencial de inovações e possibilidades, ainda não se descobriu como conjugar esses novos recursos tecnológicos com a pobreza persistente e a desigualdade crescente, o que ocasiona, ainda mais, os bolsões de exclusão, desigualdade, injustiça e marginalização social. “A tecnologia não é neutra – ela pode estruturar ações e tomadas de decisão de forma a excluir e remodelar o mundo, a compreensão e a ação humana” (UNESCO, 2002, p. 33). Contudo esse não deve ser o destino das tecnologias digitais, pautadas em modelos comerciais e mercadológicos, mas elas podem e devem ser plataformas para conectar e empoderar pessoas em vista do bem comum. Portanto,

um novo contrato social deve superar a discriminação, a marginalização e a exclusão. Devemos nos dedicar para garantir a igualdade de gênero e os direitos de todos, independentemente de raça, etnia, religião, deficiência, orientação sexual, idade ou status de cidadania. (UNESCO, 2002, p. xv).

Nesse sentido, é necessário um alinhamento em vista de uma educação cuja finalidade é a construção de futuros mais justos, inclusivos, equitativos e sustentáveis. Por isso, o Relatório se propôs a responder a três questões essenciais: “O que devemos continuar fazendo? O que devemos abandonar? O que precisa ser reimaginado de forma criativa?” (*Idem*, p. xv) As respostas não estão concluídas, são apenas um começo, porque todos os atores educacionais, escolas, sistemas de ensino, países em todos os contextos, são convidados a continuar dando as respostas que a educação de hoje e do futuro necessitam. Também, todas as comunidades educativo-pastorais do Instituto, ao celebrar seus 150 anos de fundação, são chamadas a repensar sua missão educativa e a participar desse contrato, respondendo a essas mesmas perguntas para a idealização e construção dos futuros da educação.

Nesse sentido o desafio que se coloca para o Instituto é o de impulsionar, como o próprio Relatório e a pedagogia salesiana sugerem, a “pedagogia da solidariedade”, a “pedagogia da participação”, a “pedagogia da cooperação”, a “pedagogia da esperança”, a “pedagogia do ambiente”, a “pedagogia do cuidado”, sempre com enfoque na educação inclusiva e intercultural, na educação em direitos humanos, na educação socioemocional, na aprendizagem a serviço da construção da cidadania ativa e responsável e no cuidado da Casa Comum, por meio da transversalidade de um currículo baseado em propósitos e intencionalidades. Além disso,

Pedagogias de respeito, inclusão, pertencimento, construção da paz e transformação de conflitos vão além de apenas reconhecer ou tolerar diferença. Elas devem incentivar os estudantes a sentarem-se lado a lado e trabalharem juntos. A educação que permite aos jovens compreender e relacionar o seu passado, presente e futuro, analisar as desigualdades que definem as suas experiências, enfrentar a exclusão e a marginalização, é uma das melhores preparações para futuros desconhecidos. (UNESCO, 2002, p. 51).

Frente a essas considerações, o Relatório sugere que os educadores de nível local e internacional trabalhem juntos para que essas pedagogias sejam comuns e acessíveis a todos até 2050 e pontua que a interconectividade e as interdependências sejam a base da pedagogia; que a cooperação e a colaboração sejam ensinadas e praticadas em todos os níveis de ensino e em todas as idades; que a solidariedade, a compaixão, a ética e a empatia estejam enraizadas no modo de aprender; e que a avaliação esteja alinhada a esses objetivos e seja significativa para o crescimento e a aprendizagem dos estudantes, tanto em nível de conhecimento, de caráter, de compreensão humana como de abertura

para a complexidade do contexto contemporâneo (Cf. *Idem*, p. 58-59).

Considerações Finais

Esta reflexão que pontuou uma abordagem intitulada “*Da presença às presenças: recursos educativos da comunidade*”, partiu da constatação da força profética e carismática da comunidade de Mornese, que se constituiu como Casa do Amor de Deus e sedimentou uma experiência pedagógica e espiritual tão apropriada e profunda, que gerou estruturas sólidas para a expansão missionária do carisma com a abertura de comunidades educativas em outros contextos culturais diversos, desafiadores e distantes. Os frutos germinaram e as obras educativas salesianas se espalharam por 97 nações, onde se tornaram referência de educação de qualidade social.

Também foi possível caracterizar os recursos educativos da comunidade, salientando que a própria comunidade em si é uma fonte de força carismática e vital e que ela é imprescindível para a formação e o desenvolvimento humano integral de seus membros, assim como a comunidade precisa de seus membros para se tornar uma comunidade de referência e uma comunidade de alma.

Hoje, após 150 anos de missão educativa, o Instituto se abre para uma avaliação profunda de sua história, missão, expansão, pedagogias, currículos educacionais e engajamento social e eclesial. Certamente uma história de muitas adversidades, mas sobremaneira de muitas realizações, fundações, participações, doações e inumeráveis jovens formados e encaminhados para a vida social e profissional.

Na pegada dos fundadores, o Instituto continua, com fidelidade criativa, a resignificação do Sistema Preventivo Salesiano, aberto aos novos contextos da cultura contemporânea, em sintonia com as propostas do Pacto Educativo Global do Papa Francisco e com o Relatório da Unesco que se empenha na construção de um novo contrato social para a educação.

Seguindo esse percurso, a missão educativa salesiana tornar-se-á cada vez mais promissora, não somente por elaborar planos que convençam por sua genialidade, mas por unir esforços na promoção de projetos e iniciativas que transformem as vidas das pessoas e das realidades emergentes que, fundamentados na justiça social, econômica e ambiental, construam futuros inclusivos, justos, democráticos, sustentáveis e pacíficos. Juntos, é possível cocriar a nova humanidade sonhada por Deus para todos os cidadãos do mundo.

Referências

ALES BELLO, Angela. “Gênese e desenvolvimento da empatia: da criança à comunidade”. In: MAHAFOUD, Miguel & SAVIAN FILHO, Juvenal. *Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia, Educação*. São Paulo: Paulus, 2017, p. 47-59.

- CAZZUOLA, Chiara. *Um sonho que se tornou realidade*. In: <https://www.cgfmanet.org/pt-pt/ifma-pt-pt/um-sonho-que-se-tornou-realidade/> Acesso em 06.08.2022.
- DELEIDI, Anita - KO, Maria. *Nas pegadas de Madre Mazzarello: mulher sábia*. Tradução Joanna d'Arc Fontes. Roma: Tipografia das FMA, 1995.
- DE RUS, Éric. Pessoa e comunidade segundo Edith Stein: uma experiência da comunhão. In: MAHAFOUD, Miguel & SAVIAN FILHO, Juvenal. *Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia, Educação*. São Paulo: Paulus, 2017, p. 119-144.
- INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. ATOS DO XXIV CAPÍTULO GERAL. *Com Maria "ser presença que gera vida"*. Tradução de Ir. Maria Américo Rolim, Ir. Dulce Myrian Hirata, Ir. Maria de Lourdes Becker Macedo. Brasília: Edebê Brasil, 2022.
- _, . *Nos Sulcos da Aliança: Projeto Formativo das Filhas de Maria Auxiliadora*, Torino: Elledici, 2000. Tradução portuguesa, Brasil, 2001.
- KO, Maria - RUFFINATTO Piera. *A mão de Deus trabalha em ti: O acompanhamento na vida de Dom Bosco e Maria Domingas Mazzarello*. Tradução Ir. Maria Aparecida Nunes e Ir. Maria Gazzetto. Brasília: EDB, 2014.
- PETRI, Eliane A. *O estilo "sinodal" da primeira comunidade de Mornese: profecia de missionariedade*. Trad. Elaine Tozetto. In: REDE SALESIANA BRASIL. *Boletim Salesiano Digital Especial*. 150 anos do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Ano 72, agosto de 2022: <http://revista.boletim.salesiano.org.br/banca/2022/08/>.
- SBERGA, Adair Aparecida. *A formação da pessoa em Edith Stein: percurso de conhecimento do núcleo interior*. São Paulo: Paulus, 2014.
- STEIN, Edith. *A ciência da cruz*. 6ª. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- _, *La Vita come Totalità: scritti sull'educazione religiosa*. 2ª. Ed. Roma: Città Nuova Editrice, 1999a. (original 1926-1938).
- _, *La Struttura della Persona Umana*. Roma: Città Nuova Editrice, 2000. (original de 1932-1933).
- _, *Psicologia e Scienze dello Spirito: contributi per una fondazione filosofica*. 2ª Ed. Roma: Città Nuova Editrice, 1999b. (original 1922).
- _, *Teu coração deseja mais. Reflexões e Orações*. 2ª Ed. Editado por Maria Antonia Sondermann. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- UNESCO. *Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação*. Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação. Boadilla del Monte: Fundación SM, 2022.